

VIAJANTES

LUDMILA ALEXANDRA DOS SANTOS SARRAIPA (ESCOLA DO SÍTIO).

Resumo

Um convite ao pensar. Qualquer tipo de pensar. Que movimentos e encantamentos a investigação pode proporcionar a essa área, território de ires e vires? Na Escola do Sítio o ensinamento Geográfico, de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa, propõe parcerias e dispõe de elementos sobre autoria e elaborações, regados pelas particularidades dos próprios alunos. São formas rizomáticas que se intercedem, aliando os saberes na cumplicidade de escolhas e posicionamentos. Como inspirar pensares? Como trazer à tona a crueza das discussões? Desejamos que o aluno saia da confortável posição de receptáculo de conhecimento e construa seus próprios caminhos, viajando em si. Nesse projeto há uma ênfase na organização do conhecimento que envolve o tempo, espaço e sociedade que se movimentam para além das definições em si. É um problema anterior à conceitualização e nos obriga a pensar sempre em processo, em movimento, em algo que está constantemente se refazendo. Os livros de literatura apresentam o conhecimento não fragmentado e nos chamam a todo instante para aproveitar essa deixa sutil. Uma história lida é uma história vivida. E a vivência aproxima o entendimento ou o permite de maneiras surpreendentes. Experenciar personagens, revolucionar processos, conhecer a si próprio. Com esse espírito iniciamos nossa viagem no 7º ano do Ensino Fundamental, com Severino, de "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto. Obra que sintetiza o sentimento daqueles que se retiram, que fogem da vida que se escapa, do pão que não se tem. No 8º e 9º ano continuamos a nossa saga e mergulhamos "Na Natureza Selvagem" e "No Ar Rarefeito" de Jon Krakauer, orientados por uma crítica à sociedade de consumo. O sentido da liberdade que é retratada no fascínio das pessoas que rompem com a brutalidade, traz questionamentos. Quais escolhas direcionam os destinos? Quais responsabilidades estão implícitas nessas escolhas?

Palavras-chave:

movimento, literatura, autoria.

... um convite ao pensar. Qualquer tipo de pensar. Que movimentos e encantamentos a investigação pode proporcionar a essa área, território de ires e vires? Na Escola do Sítio o ensinamento Geográfico, de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa, toma rumos imprevistos em veredas antes não exploradas, propõe parcerias e dispõe de elementos sobre autoria e elaborações, regados pelas particularidades dos próprios alunos. São formas rizomáticas que se intercedem nos significados, aliando os saberes na cumplicidade de escolhas e posicionamentos. Como inspirar pensares? Como trazer à tona a crueza das discussões? Desejamos que o aluno saia da confortável posição de receptáculo de conhecimento e construa seus próprios caminhos, viajando em si. Nesse projeto há uma ênfase na organização do conhecimento que envolve o tempo, espaço e sociedade que se movimentam para além das definições em si. É um problema anterior à conceitualização e nos obriga a pensar sempre em processo, em movimento, em algo que está constantemente se refazendo. Os livros de literatura apresentam o conhecimento não fragmentado e nos chamam a todo instante para aproveitar essa deixa sutil. Uma história lida é uma história vivida. E a vivência aproxima o entendimento ou o permite de maneiras surpreendentes. Experenciar personagens, revolucionar processos, conhecer a si próprio. Com esse espírito iniciamos nossa viagem no 7º ano do Ensino Fundamental, com Severino, de "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto. Obra que sintetiza o sentimento daqueles

que se retiram, que fogem da vida que se escapa, do pão que não se tem. Sertões mais sentidos do que entendidos nas pernas de passos magros mas sempre de caminhar. No 8º e 9º ano continuamos a nossa saga e mergulhamos "Na Natureza Selvagem" e "No Ar Rarefeito" de Jon Krakauer, orientados por uma crítica à sociedade de consumo. O sentido da liberdade que é retratada no fascínio das pessoas que rompem com a brutalidade, traz questionamentos. O selvagem como terrível e belo. A simplicidade como opção difícil. Quais escolhas direcionam os destinos? Quais responsabilidades estão implícitas nessas escolhas?

Palavras chaves: movimento, viagem, autoria, posicionamentos e literatura.

¹ Professora de Geografia - endereço eletrônico: Ludmila.sarraipa@gmail.com

² <http://www.escoladositio.com.br/> - Rua Uirapuru, n. 820 -Barão Geraldo, Campinas CEP 13082-706

Introdução

Este texto é um relato sobre um projeto ainda em andamento. Na Escola do Sítio, local de desenvolvimento do trabalho em questão, o currículo diferenciado possibilita uma maior flexibilidade nos conteúdos e um maior aproveitamento das estratégias didáticas. A escola conta com um grande projeto, chamado "Leitura", em que as áreas de Ciências, Geografia, Matemática, Arte, Ed. Física, Inglês podem escolher livros de literatura além da disciplina de Português tradicionalmente eleita para essa tarefa. Os professores se dividem para não sobrecarregar de leituras os alunos e nesse primeiro semestre de 2009 a área de Geografia elegeu três obras para iniciar os trabalhos do ano. Já pensando no projeto da disciplina que é sobre viagens, foi escolhido livros que contavam grandes sagas: Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, Na Natureza Selvagem e No Ar Rarefeito de Jon Krakauer. Os livros foram lidos pelas turmas de 7º, 8º e 9º anos fazendo percursos do interior do sertão brasileiro, às florestas temperadas das altas latitudes e aos pontos de maior altitude do planeta. Essas três turmas fazem parte do ciclo III, última etapa do ensino fundamental.

Referenciais

Tenho certa resistência em apresentar conceitos didaticamente. Parece sóbrio e límpido demais indicar questões que vão além do visível ou do anunciado. Sempre que me direcionam a fazer isso sinto estar descrevendo uma paisagem sem grandes excentricidades: ... é uma casa com árvores de frutas ao redor. Ponto! Mas cadê os pássaros que buscam as frutas, e sua cantoria de toda manhã envolta no perfume das flores, ou o bucólico gramado da colina. Penso até mesmo, isso é um pouco também pela minha natureza imaginativa, nas moças que podem estar no riacho se banhando nas pedras de diabásio dado o terreno ser formado pelo derramamento de lava vulcânica em um período geológico antigo. Quando conceituamos o ponto se faz imperioso e nos deixa a mercê de um entendimento de outrem. Aos alunos cabe acreditar. E vejam só... Perder as moças se banhando no riacho e reproduzir mecanicamente versículos das "bíblis" didáticas. Na área de

Geografia esse tipo de episódio é ainda mais desastroso. É como se amortecesse os fatos, anestesiando as pessoas do real significado. É inevitável o conformismo e aceitação dos acontecimentos representados nos livros didáticos de maneira conceitual. Eles são isentos de interpretações, ou melhor, de experimentações. Deleuze e Guattari dizem que interpretar é a nossa maneira moderna de crer e ser piedoso (DELEUZE GATTARI, p. 7, 2000). A experimentação desfaz esse mal entendido e nos traz a construção dos conceitos e não somente ele em si. Naturalmente isso é absorvido diferentemente pelos indivíduos que trazem consigo histórias diversas. No projeto de leitura, que seria mais adequado dizer literatura, percebe-se que na conceituação geográfica há um questionamento interessante esperando uma linha de fuga para vir à tona. Quando o professor diz que migração é o deslocamento de pessoas de um lugar para outro e o aluno o intercede com a pergunta:

"Migração não foi o que Severino fez? Mudou-se não somente do seu lugar, mas da sua condição... Não que o incomodasse ser nordestino de pernas finas, ele tinha orgulho disso. O problema era sobreviver a essa sina, e nos contar que outros sobrevivem".

Citação de um aluno do sétimo ano, doze anos, registrada na aula.

Observamos que a vivência literária desse aluno proporcionou esse questionamento. Aprendemos com Gilles Deleuze e Félix Guattari que a filosofia é a ação de criar conceitos, e um bom exemplo disso é a citação do aluno acima. (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 58) A turma do sétimo ano leu o poema "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto. Eles discutiram em dinâmica de aula que com o Severino aprenderam o que é migração e como é o sentimento dos que se retiram. Não mencionaram a professora como explicadora do assunto e sim o personagem fictício do livro que leram: "Com Severino aprendemos". Isso também não significa que a figura do professor seja descartável no processo de aprendizagem. A sutileza da estratégia didática e dos encaminhamentos de aula pôde propiciar esse tipo de entendimento que foi coordenado pela professora. Não seguimos nenhuma receita, ou fórmula. Havia um eixo norteador do assunto, mas o processo foi se construindo a medida que os alunos tomavam contato com a história de Severino e com os termos conceituais do livro didático. Trabalhar um conceito significa estabelecer relações entre determinações antes não pensadas (Ibidem, p. 59). Não basta reproduzir elementos e declamá-los com pompa. É necessário fazer um exercício de pensar sobre as coisas, refletir, repensar, ler e reler.

"(...) Julga-se às vezes que expor um conceito resulta da réplica escolar, ao passo que consiste em consumir seu movimento por si e sobre si. (...)" (ZOURABCHVILI, 2004 p.3)

Os eventos que nos dispomos a estudar na área de conhecimento são dinâmicos e precisam das conexões que apenas a conceituação didática não dá conta. A literatura faz isso de maneira audaciosa e brilhante. Acredito que é porque ela não tem a pretensão de ensinar sobre, por exemplo, o pouco oxigênio das altas altitudes. Ela, a literatura, é modesta na explicação sobre a escalada do Everest ou sobre os desafios da alma humana. Segundo Deleuze e Guattari o conceito não é uma proposição, não tem a pretensão de definir. Ele cria uma realidade gera acontecimentos. (DELEUZE/GUATTARI, 2004 p.58) O que fascina uma pessoa em um

projeto tão perigoso como a escalada da montanha mais alta do planeta? Porque se arriscar em uma empreitada extenuante para ficar alguns minutos no topo e levar meses de subida e descida?

"Não apenas durante a escalada, mas também durante a descida, minha força de vontade fica entorpecida. Quanto mais subo, menos importante me parece ser o alvo, mais indiferente fico a mim mesmo. Minha atenção diminui, minha memória enfraquece. Minha fadiga mental é agora maior que a do corpo. É tão bom ficar sentado, sem fazer nada - e, entretanto tão perigoso. A morte por exaustão - como a morte por congelamento é uma morte agradável."

Reinhold Messner, The crystal horizon

(KRARAUER, 1996)

O livro não fica só na descrição das paisagens, das recordações, ou dos amores. Ele permite que as generalizações se transformem nos indivíduos que o lêem experimentando literalmente sua história. Em *Literatura e Vida*, Deleuze fala sobre essas potencialidades e os estados de se estar (DELEUZE, 1993 p. 11-17). O inacabado como processo e passagem para o vivido. Os alunos que participaram do projeto de literatura esse semestre descobriram esse vivido como parte deles. Como se fossem devir alpinistas, retirantes e viajantes. Muitas vezes suas histórias se misturaram e condensaram-se em pensares antes não imaginado. A provocação era feita de forma isenta, sem associações a devolutiva era enfática! Como não se admirar com tanto sentimento? Como não se emocionar com a beleza e o desespero que circunstancialmente caminhavam juntos?

Relato de uma experiência

Os poemas de João Cabral de Melo e Neto proporcionaram um novo olhar para os assuntos migratórios em que os alunos situaram com muita propriedade os "ires e vires" de Severino em sua saga. Pontuaram algumas passagens como o irmão das almas, a mulher da janela, o cemitério, o menino que tinha a história parecida com aquele do natal. Foi interessante o modo como relacionaram essas passagens com os inúmeros Severinos Brasil afora e adentro. Acredito que os alunos por vários momentos emigraram na presença de Severino declamando ser o próprio... "Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida". As áreas de Geografia e Português se uniram nas produções que foram dos diálogos a elementos artísticos.

No oitavo ano os aspectos naturais, populacionais e as subdivisões da América foram a base das discussões sobre os mundos que se apresentavam desenvolvidos, emergentes, subdesenvolvidos, primeiros, terceiros e que naturalmente tinham que caber em um único planeta. As contradições de nações ditas desenvolvidas, mas que amargam problemas sociais foram esmiuçadas e chegamos ao relato da viagem de Chris McCandless descrita no livro "Na natureza selvagem" contada por Jon Krakauer. Percebemos que mesmo em países ricos existem pessoas que vivem das sobras da sociedade afluyente, "gente a deriva" como o próprio Krakauer pontua. E às vezes esse viver a deriva é uma escolha, uma alternativa a brutalidade de um sistema acelerado e cheio de contradições. As discussões acabavam resvalando na distribuição/concentração mundial das riquezas e quais

nações detinham os poderes para decidir sobre guerra e paz. Embates calorosos, saudáveis e admiráveis a turma travou. Ideais revolucionários vieram à tona. Os alunos estão trabalhando no projeto do livro falado. Eles querem se "escutar". Estamos nos debruçando nas questões técnicas de gravação e armazenamento. Como a obra é originalmente escrita em inglês, o livro falado contará com a parceria da área de Língua Inglesa, em trechos tirados do próprio diário do protagonista.

No nono ano a leitura do "No ar rarefeito" de Jon Krakauer despertou a turma não só para as questões econômicas e físicas sobre a região do Himalaia, mas para o aparato turístico. Percebemos as motivações dos personagens e o que levaria pessoas a uma empreitada perigosa. Insisti sobre o assunto com os alunos e chegamos às perguntas: o que nos fascina? Quais questões nos movem? Respostas interessantes foram elaboradas em forma de fotografias. Ainda não esgotamos a temática e os referenciais do livro aparecem como se submergissem das águas nas discussões em aula.

Conclusão

Nesse projeto temos um enfoque na autoria de cada aluno segundo suas experiências literárias. Suas produções como expressão daquilo que são ou estão, ou que gostariam de ser. Os projetos dos desenhos, do livro falado e dos retratos sem fronteiras ou ameaças de ganhos e perdas como autoconhecimento. A resistência e a estranheza ao fazer um trabalho com o desejo que se transforma em potência imaginativa e criativa para entender o mundo são parte do processo que discutimos nos referenciais. O que nos fascina afinal?

O projeto continuará no segundo semestre e pretendemos estudar as áreas do conhecimento como viajantes que experimentam os gostos e desgostos dos lugares que se metamorfoseiam. Sem direção, mas com destinos marcados caminharemos nas "linhas de fuga".

Referências Bibliográficas

DELEUZE, GILLES, "La Littérature et la Vie", Critique et Clinique, Minuit, Paris, 1993, p. 11-17

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Cost - Rio de Janeiro: Ed. 34, 2ª reimpressão - 2000.

KRAKAUER, JON , No Ar Rarefeito; tradução Beth Vieira - São Paulo Companhia das Letras, 2006.

ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

Bibliografia consultada

KRAKAUER, JON , Na Natureza Selvagem; tradução Pedro Maia Soares - São Paulo Companhia das Letras, 1998.

MELO NETO, JOÃO CABRAL de, Morte e Vida Severina e outros poemas 1 ed. - Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008 (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros; v.2)

Referenciais de aula

A citação em *itálico sublinhada* é de um aluno do 7º ano.

O filme vinculado a esse texto possui as produções dos alunos do ciclo III do sétimo, oitavo e nono anos.